

## APRESENTAÇÃO

“A vida não está fácil pra ninguém”. Assim muitas pessoas se manifestam em seu cotidiano para dizer que existem tantos problemas sociais que viver exige uma luta árdua a ser travada diariamente. Isso desperta nos indivíduos o desejo por uma nova forma de vida que possibilite a cada um desfrutar da liberdade; que o permita percorrer um caminho livre de coisas que o impede de desenvolver suas múltiplas potencialidades. Com esse prelúdio, ressaltamos que por mais ignorante que seja um indivíduo, ele sente e tem consciência de que a vida proporcionada pela sociedade atual precisa ser transformada, pois, do jeito que está, nenhum ser humano aguenta continuar vivendo eternamente.

O grande problema está na seguinte questão: a consciência que somos constringidos a desenvolver, a consciência burguesa, não nos permite pensar nada além do capitalismo, numa vida realmente nova. É por isso que a vida nova que geralmente os indivíduos desejam, não ultrapassa as velhas formas de vida putrefatas estabelecidas pela burguesia. É daí que emerge o que chamam de “projeto de vida”, que gira em torno de um novo emprego, um aumento de salário, um concurso público, ou rendimentos que lhe permita superar suas dificuldades financeiras, e que lhe dê acesso ao mundo vivido e desfrutado pela burguesia e pela camarilha que a acompanha.

Vemos mais claramente essa forma de pensar o futuro nos locais de ensino, por meio do trabalho que desenvolvem sobre o projeto de vida dos jovens. O que esperam que os jovens demonstrem? Uma convicção ao escolher um curso para prestar vestibular; uma profissão a ser perseguida, em síntese, esperam que o jovem manifeste um pensamento sobre a sua vida no interior do capitalismo. E assim, uma nova sociedade, que possibilite uma nova vida, nunca é colocada como o caminho para se constituir um futuro realmente distinto do que se vive na atualidade.

Os meios oligopolistas de comunicação, a educação, a burocracia (estatal e civil), o modo de produção existente e a consciência que emerge daí atuam em conjunto de acordo com o projeto burguês de mundo. Conseguem, portanto, limitar o nosso pensamento sobre o futuro e nos constroem a pensar as mudanças em nossa vida, por intermédio de uma profissão, de um cargo, em síntese, por meio do dinheiro. Assim, até o pensamento sobre o futuro é mercantilizado, já que o dinheiro é convertido no principal responsável pela construção de um futuro diferente. Neste contexto, pensar uma vida que não seja mercantilizada ou pensar uma vida futura que não seja no capitalismo ou mediada pelo dinheiro, torna-se realmente muito difícil.

É por isso que a consciência burguesa é um insulto à liberdade. Motiva-nos a nos tornar limitados; constrange-nos a nos manter ignorantes sobre o futuro para além do capitalismo; provoca-nos a continuar suportando o fardo que representa o capitalismo; ou seja, insulta-nos de todas as formas possíveis. Mas é da natureza humana responder aos insultos enfrentando-os. Isso explica as ações individuais e coletivas que confrontam e buscam superar a consciência burguesa; que dedicam tempo e se martirizam para se prepararem com o objetivo de romper os limites que esta consciência impõe. Diante desses insultos desperta-se a percepção de que não há outra alternativa, senão a luta revolucionária, o único caminho que pode realmente criar um futuro fundado na emancipação humana.

A Revista Espaço Livre chega à sua trigésima segunda edição trazendo ao público textos que contribuem para revelar os insultos praticados cotidianamente na e para a sociedade burguesa. Este é o caso, por exemplo, da discussão realizada por Jaciara Veiga sobre o feminismo. O leitor vai encontrar neste texto uma crítica contundente à ideologia do feminismo. Nesta mesma direção da crítica é que aponta o artigo apresentado por Mateus Alves, em sua análise da concepção de Félix Guattari sobre Ecologismo Subjetivista. Bruna Kleine e Leonel Santos, também oferecem importantes contribuições na interpretação que apresentam do filme *Parasita* a partir da teoria do Regime de Acumulação Integral. Os textos seguintes, apresentam abordagens que corrobora com a crítica de questões derivadas e inerentes à sociedade capitalista, é o caso do texto de Paul Mattick Jr, sobre o que ele chama de sociedade do espetáculo; de Lucas Souza a respeito da reforma trabalhista e de Camilla Ferreira, em coautoria com Fellipe Silva e Larissa Carvalho, que abordam o ensino de história após 1964. Por fim, este número é encerrado com a seção de resenhas, com a contribuição de Lucas Maia, que traz para o público a análise do livro *Hegemonia Burguesa e Renovações Hegemônicas*, publicado recentemente por Nildo Viana.

Com esse conjunto de textos a Revista Espaço Livre busca incansavelmente continuar o seu trabalho de manter acesa a chama da esperança por uma nova sociedade. Enquanto essa chama se manter acesa, temos a certeza de que pode se alastrar e se tornar um incêndio incapaz de ser apagado, até que as chamas consumam toda e qualquer partícula do capitalismo presente na realidade. Ao leitor, o conselho editorial da Espaço Livre deseja uma boa leitura!

**CONSELHO EDITORIAL  
REVISTA ESPAÇO LIVRE.**